



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

THALÍA DA SILVA PIRES

Psicopolítica da Informação:

Reflexões sobre o Panóptico digital na Filosofia de Byung-Chul Han

Porto Alegre

2024

Thalía da Silva Pires

Psicopolítica da Informação:

Reflexões sobre o Panóptico digital na Filosofia de Byung-Chul Han

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em da faculdade de Biblioteconomia da faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO (DCI)

Chefe: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Chefe-Substituta: Profa. Dra. Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Lucia Dias

Vice-Coordenador: Profa. Dra. Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Pires, Thalía da Silva

Psicopolítica da Informação: Reflexões sobre o
Panóptico digital na Filosofia de Byung-Chul Han /
Thalía da Silva Pires. -- 2024.

48 f.

Orientador: Fabiano Couto Corrêa da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Panóptico Digital. 2. Vigilância Algorítmica .
3. Práticas Informacionais. 4. Byung-Chul Han. 5.
Informação. I. da Silva, Fabiano Couto Corrêa, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

CEP: 90035-007 - Porto Alegre – RS

Telefone: (51) 3308-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

THALÍA DA SILVA PIRES

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em da faculdade de Biblioteconomia da faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: Porto Alegre, 7 de Janeiro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva – Orientador
PPGCIN - UFRGS

Me. Celvio Derbi Casal
UFRGS

Me. Lucas George Wendt
UFRGS

Dedico este trabalho a todas as pessoas que,
assim como eu, vivem, mesmo que seja apenas
se apoiando nos momentos de felicidade.

AGRADECIMENTOS

Essa, até então, apesar do extenso arcabouço teórico abaixo, tem sido a parte mais complexa e difícil deste trabalho – escrever os agradecimentos. Vou começar agradecendo à pessoa que me fez entender, desde o começo de minha existência, o que é o verdadeiro amor de mãe. À minha madrinha Carla, por seu afeto sem precedentes, gentileza, e puxões de orelha. Desde criança, sempre quis seguir os seus passos. Algum dia espero me tornar a mulher forte que você é. Você sempre será uma inspiração para mim. Obrigada por acreditar em mim.

À minha amada prima, Thayla (*In Memoriam*), que foi minha irmã nesse mundo e é impossível não pensar no quanto comemoraríamos juntas. Sinto saudades do seu colo de proteção, que tão novinha, era a única pessoa que entendia o quanto já me doía a vida. As nossas risadas noite adentro e nossas confidências eu carrego em meu coração e mente. Queria poder te dizer que você me inspirou a trilhar o meu caminho na palhaçaria. Obrigada por ter me permitido te fazer rir, e ter rido junto comigo.

Agradeço à minha outra mãe, tia Zilá Maria, que me trouxe afeto em linguagem única e tantas pessoas que amo. Obrigada por sentir quando estou triste, perdida ou desesperada e, não só sentir, mas me procurar. Desculpa por muitas vezes estar ausente, mas eu sei que você entende. Agradeço ao seu apoio, que se manifesta de tantas maneiras diferentes que para mim torna-se possível exemplificá-los. A senhora é especial, tia. Obrigada por acreditar em mim. O mesmo estendo à família da vovó Zilda, que me acolheu tão bem, Martina, Lindomar, Rigoberto e Adilson.

Ao meu tio Antônio, obrigada pelos seus abraços, carinho e assistência. Sempre levo em consideração tudo aquilo que o senhor me diz, porque o senhor é o mais próximo de uma figura paterna que já tive. Agradeço aos carteados, conversas distraídas e cervejas compartilhadas. Espero, sinceramente, que possa seguir te dando orgulho. Obrigada por acreditar em mim.

Aos amores que se fragmentam no sobrenome “Pires”, meus primos Matheus, Rafael e Rodrigo. A frase que tenho tatuada “a felicidade só é real quando compartilhada” consegue traduzir o que sinto quando penso em vocês. Obrigada pelas risadas, memes e companhia, meu primo Matheus, que tanto dividimos quarto e vida. Meu primo Rafael, obrigada pelas conversas pontuais, sempre precisas, gostaria de

poder estar mais contigo, mas te admiro muito à distância. Grata pela sua ajuda e por apostar em mim. Meu primo Rodrigo, acho que não preciso dizer muito, você sabe que sou grata por tudo, desde bebermos juntos até chorarmos juntos. Seu carinho tem sido imprescindível para mim.

Às minhas meninas, Júlia e Náthali. Talvez ainda, vocês não possam compreender o quão significativo para mim foram as festas surpresas, as mensagens de preocupação, os abraços fortes, o chimarrão compartilhado, ou o convívio que já foi diário. Em tantos momentos vocês me ouviram, me acolheram, me compreenderam. Agradeço por ter estudado no Roque. Muitas vezes, meu dia ficou melhor porque fui à escola e tinham vocês lá. Vocês são excepcionais.

Ao Maurício e à Paula, vocês tornaram os anos de graduação em biblioteconomia muito mais suportáveis. Obrigada por muitas vezes terem me carregado em atividades, pois não tinha forças sequer para abrir o moodle.

Agradeço aos amigos e colegas do FAROL CI, obrigada pela confiança e oportunidade. Esse projeto precisa continuar, contem comigo.

Ao meu orientador Fabiano, por sua paciência, incentivo e, principalmente, por ver valor em mim como pesquisadora. Prometo que em breve minhas contribuições não serão apenas “semente”, obrigada por acreditar em mim.

Ao servidor do *Discord*, “Miojo Frito”, e seus integrantes. Obrigada por serem o que são. Agradeço a essa casualidade maluca de estarmos jogando *Overwatch* no mesmo dia e na mesma hora.

Por fim, Daniel, Há tantos anos te conheço e sempre descubro algo novo sobre você. Uma das características que sempre irá de permanecer é sua boa vontade em me ajudar. Obrigada por dividir comigo momentos, sejam ruins ou bons, pois a sua parceria é inestimável. Obrigada por me acolher. Ter conhecido você é inestimável. Este trabalho também não teria sido confeccionado sem a sua didática, dedicação, ajuda na escrita argumentativa (você tem muitos talentos, a escrita é um deles) e sem o seu entendimento tão pleno e bonito da filosofia. Você me inspira a ingressar de vez nesse curso, sempre inspirou. Obrigada por acreditar em mim há tantos anos.

Enfim, obrigada a todos aqueles que passaram por minha vida e se alegraram e vibraram com minhas conquistas. Amo vocês!

Não existe sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite.

Albert Camus

*I hear a voice calling
Calling out for me
These shackles I've made in an attempt to be free
Be it for reason, be it for love
I won't take the easy road
The easy road, the easy road
Show me my silver lining, I try to keep on keeping on*

Trecho da música "My Silver Lining", de First Aid Kit (2014)

RESUMO

O presente estudo explora as complexas teorias do filósofo Byung-Chul Han, colocando um foco especial no conceito do "Panóptico digital". Explorando a interseção entre a tecnologia digital, a vigilância algorítmica e as transformações nas práticas informacionais na sociedade contemporânea, este estudo se propõe a desvendar como a era digital influencia e modifica a nossa percepção da informação e da liberdade individual. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com uma análise documental aprofundada das obras "Psicopolítica" e "No Enxame" de Han. Através da técnica de análise crítica do discurso, o trabalho busca interpretar e compreender os argumentos de Han, destacando suas ideias e conceitos fundamentais que relacionam a era digital com as práticas sociais e políticas atuais. Com o objetivo de investigar como o panóptico digital, conforme concebido por Han, afeta a compreensão das práticas de informação na sociedade, o estudo se debruça sobre a noção de vigilância digital e auto-exposição, avaliando suas implicações na autonomia e identidade dos indivíduos na era da informação. A análise se concentra em identificar as principais ideias de Han sobre a digitalização, bem como as contribuições teóricas que o filósofo oferece para os estudos de informação. Os resultados da pesquisa revelam a complexa relação entre tecnologia, vigilância e subjetividade na sociedade moderna. O conceito de panóptico digital emerge como uma ferramenta crítica para entender a influência da tecnologia na conformação das práticas informacionais e na percepção da liberdade. Nas considerações finais, o trabalho enfatiza a relevância dos estudos de Han para o entendimento contemporâneo das dinâmicas de poder e controle na era digital, oferecendo uma base teórica robusta para futuras investigações sobre o impacto da tecnologia na sociedade e nas práticas de informação.

Palavras-chave: Panóptico. Informação. Psicopolítica. Vigilância Algorítmica. Práticas Informacionais. Byung-Chul Han.

ABSTRACT

This study explores the complex theories of philosopher Byung-Chul Han, with a particular focus on the concept of the "Digital Panopticon". Exploring the intersection between digital technology, algorithmic surveillance and the transformations in information practices in contemporary society, this study sets out to uncover how the digital age influences and modifies our perception of information and individual freedom. The research adopts a qualitative methodology, with an in-depth documentary analysis of Han's works "Psychopolitics" and "In the Swarm". Through the technique of critical discourse analysis, the work seeks to interpret and understand Han's arguments, highlighting his fundamental ideas and concepts that relate the digital age to current social and political practices. With the aim of investigating how the digital panopticon, as conceived by Han, affects the understanding of information practices in society, the study looks at the notion of digital surveillance and self-exposure, assessing its implications for the autonomy and identity of individuals in the information age. The analysis focuses on identifying Han's main ideas on digitization, as well as the theoretical contributions that the philosopher offers to information studies. The results of the research reveal the complex relationship between technology, surveillance and subjectivity in modern society. The concept of the digital panopticon emerges as a critical tool for understanding the influence of technology in shaping information practices and the perception of freedom. In its concluding remarks, the paper emphasizes the relevance of Han's studies for a contemporary understanding of the dynamics of power and control in the digital age, offering a robust theoretical basis for future research into the impact of technology on society and information practices.

Keywords: Panopticon. Information. Psychopolitics. Algorithmic surveillance. Informational Practices. Byung-Chul Han.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta do Panopticon	28
--	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	<i>Objetivo Geral</i>	14
1.1.2	<i>Objetivos Específicos</i>	14
2	METODOLOGIA	16
2.1	TIPOLOGIA DA PESQUISA	16
2.2	A ESCOLHA DAS OBRAS	18
3	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E FILOSÓFICA DE BYUNG-CHUL HAN	19
4	PSICOPOLÍTICA E NO ENXAME: SOBRE AS OBRAS	23
4.1	DA AUTOEXPOSIÇÃO NO CONTEXTO NEOLIBERAL	23
4.2	DAS CRISES QUE TANGEM A SOCIEDADE DESMEADITIZADA	24
5	CONCEITOS-CHAVE DE BYUNG-CHUL HAN E A RELAÇÃO COM A INFORMAÇÃO DIGITAL	27
5.1	O PANÓPTICO EM BENTHAM, FOUCAULT E HAN	27
5.2	DOS ALGORITMOS E <i>BIG DATA</i> PARA A ASCENSÃO PSICOPOLÍTICA	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Segundo o relatório de pesquisa anual *Digital Global StatshotReport* de julho de 2023, uma colaboração entre *We Are Social*¹ e *Meltwater*², “o Brasil registrou um impressionante contingente de 152,4 milhões de usuários de mídias sociais em janeiro de 2023, representando uma proporção significativa de 70,6% de toda a população” (Data Reportal, 2023a, tradução nossa). Esse fenômeno é apenas um exemplo do alcance massivo das redes sociais e sua usabilidade na sociedade.

Para além do Brasil, “existem agora 4,76 bilhões de utilizadores de redes sociais em todo o mundo, o que equivale a pouco menos de 60% da população global total.” (Data Reportal, 2023b, tradução nossa). Ainda com base nos dados extraídos desta fonte, existem hoje 5,16 bilhões de usuários de internet no mundo, o que significa que 64,4% da população mundial está agora online. Neste contingente de usuários, buscar informações ainda é a principal razão pela qual usam a internet hoje, isto é, 6 em cada 10 usuários (57,8%), à frente de outras finalidades como manter contato com amigos e familiares (53,7%) ou manter-se atualizado com notícias e eventos (50,9%).

Ao longo dos 12 anos de realização, essa pesquisa de alcance global, focada no universo digital, tem se dedicado a compreender os comportamentos das interações humanas na internet. Os dados apresentados sugerem que praticamente metade dos habitantes do Brasil está engajada em algum tipo de comunicação digital, destacando a expressiva presença de usuários ativos nas diversas plataformas digitais. Com metade da população mundial se expressando online, isso afeta a maneira como as plataformas digitais moldam suas estratégias de negócios, publicidade, utilizam os dados coletados e refinam seus algoritmos.

Usando as tecnologias digitais - ou por meio destas tecnologias - deixamos inegavelmente rastros de dados no compartilhamento de informações. Sabe-se que as redes sociais são convidativas à autoexposição pois promovem a ideia de que podemos expressar livremente nossos pensamentos, sentimentos e experiências. Isso é amplamente incentivado pela estrutura das redes sociais. Em teoria, esse

¹ Agências de marketing digital especializada em mídias sociais com atuação no mundo inteiro.

² Empresa de software de alcance global.

ambiente de liberdade virtual é uma das razões pelas quais essas plataformas atraem tantos usuários. Esse fato é ainda mais evidente se considerarmos que quase 60% da população global está ativa nesses espaços.

As plataformas digitais são terreno fértil onde as *big techs*, como *Facebook*, *Google*, *Amazon*, entre outras, desempenham um papel central no capitalismo de vigilância - termo cunhado e difundido pela pesquisadora acadêmica Shoshana Zuboff (2021), que caracteriza uma forma emergente de sistema econômico que lucra com informações obtidas através da coleta de dados. Elas têm influência substancial na maneira como a informação é gerada, distribuída e consumida, utilizando-se do “panoptismo”, ou a ferramenta de vigilância onisciente e invisível que ocorre na sociedade digital, monitorando indivíduos por suas movimentações online.

Na filosofia de Byung-Chul Han, encontraremos argumentos para solidificar a percepção dos efeitos sociopolíticos e conceitualização do “panóptico digital”, mecanismo de vigilância que, para Han, ganha forma através das informações expostas pelos próprios usuários de plataformas digitais, quando são coletadas e refinadas por algoritmos, criando subsídios para personalização de conteúdo e publicidade direcionada que podem afetar a formação de opiniões e a tomada de decisões. Iremos expor sua visão acerca dos espaços públicos de comunicação, a saber, as redes sociais, que fornecem esses dados necessários para ampliar o modelo de vigilância digital a áreas extrínsecas das virtuais, isto é, como são afetados na vida além das plataformas digitais. A busca por validação social, a comparação constante com os outros e a preocupação com a imagem que se projeta online são alguns dos efeitos que os usuários experimentam como resultado da autoexposição nas redes sociais.

Dialogando com o panóptico do poder disciplinar de Michel Foucault (1979), Han concebe a noção de panóptico digital para desenvolver o debate acerca das interações entre informação digital e sujeitos no contexto da digitalização da vida e como o sujeito é afetado pelo sistema de “poder inteligente”, a saber, a psicopolítica, conceito central do livro homônimo de Han. Em outras palavras, por psicopolítica, entenderemos como técnica neoliberal que incide em nossa *psiquê* para explorá-la por meio de dispositivos como: a emoção, o consumo, o desejo, as necessidades etc.

Para auxiliar na compreensão do quanto o panóptico digital impacta nas práticas informacionais, nosso problema de pesquisa, se apresenta da seguinte forma:

caso partirmos da premissa de que a sociedade contemporânea se manifesta massivamente através de plataformas digitais, então como as obras *No Enxame* e *Psicopolítica* auxiliam na compreensão das relações entre autoexposição virtual e senso de liberdade individual nesta era de predominância da vigília algorítmica?

A resposta a esta pergunta será construída com base nos livros: *Psicopolítica: O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder* (2017)³, e *No Enxame: Perspectivas do Digital* (2018)⁴, ambos livros de Byung-Chul Han. Obras influentes na filosofia contemporânea precisamente por evocarem reflexões sobre os processos de digitalização da sociedade neoliberal, assim como sobre as estruturas que a fomentam e, ainda, quais efeitos se produzem nos sujeitos digitais.

Apresentaremos panóptico digital de Han como conceito auxiliar nas tentativas de compreendermos o fluxo de informações digitais como um todo que se alimenta da constante exposição de dados pessoais. O conceito de psicopolítica também esclarece qual o tamanho da influência da vigilância em nossa subjetividade, isto é, como esse conceito se insere e contribui na compreensão das práticas informacionais do cenário contemporâneo, ou, então, sua aplicabilidade no entendimento das relações sociopolíticas digitais, especialmente naquelas relacionadas à vigilância, liberdade e exposição. Esses conceitos são relevantes para a pesquisa, pois ajudam a analisar como a informação digital afeta a liberdade individual, a privacidade e as práticas informacionais na sociedade contemporânea.

Pensar as práticas informacionais na perspectiva psicopolítica é assunto, ainda, pouco explorado no campo da Ciência da Informação. Desse modo, pesquisas dessa natureza são fundamentais na maneira como interpretamos a real influência, direta e indireta, dos fluxos de informação digitais e, conseqüentemente, as interações entre sujeitos e informações digitais. Visa-se, então, apropriar-se do referencial teórico das obras de Han para fornecer visibilidade aos conceitos discutidos pelo filósofo, aproximando a noção de panóptico digital da Ciência da Informação, aguçando nosso conhecimento sobre psicopolítica no cenário da digitalização e trazendo discussões relevantes para os campos das práticas informacionais.

³ Adiante iremos nos referir a esta obra com *Psicopolítica*.

⁴ Adiante iremos nos referir a esta obra com *No Enxame*

Esta pesquisa será dividida em quatro partes. Primeiro, logo após a Introdução, apresentaremos a Metodologia empregada na condução da pesquisa. A seguir, a breve contextualização histórica e filosófica de Byung-Chul Han, autor central do arcabouço teórico do presente trabalho. Nossa abordagem se constituirá na exposição sucinta das vertentes filosóficas que frequentemente se entrelaçam com os conceitos trazidos por Han, ou seja, nos fundamentos de sua filosofia.

Em seguida, apresentaremos, por meio de análise crítica, as principais ideias de Byung-Chul Han, no que tange os conceitos vinculados ao mundo digital, debruçando-nos nas obras que abordam o tema em sua plenitude, a saber: *Psicopolítica e No Enxame*.

Posteriormente, analisaremos o conceito de panóptico, desde sua origem etimológica até o panóptico digital, a partir da perspectiva de Byung-Chul Han, tendo como pano de fundo as ideologias de vigilância e autoexposição discutidas pelo filósofo.

Por fim, estabeleceremos como o filósofo sul-coreano teoriza a digitalização da comunicação. Isto é, procuraremos entender como o processo de digitalização das relações sociopolíticas é interpretado pelo autor, assim como a estrutura teórica em que essas relações são colocadas. A análise destas ideias serve para compreender a relação entre informação digital e sujeitos. Ao passo que, ao identificar as contribuições teóricas do filósofo, podemos elucidar quais ideias contribuem para os estudos de informação.

1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo 1.1.1 Objetivos Geral e 1.1.2 Objetivos Específicos, serão apresentados os objetivos deste trabalho.

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar de que forma a ideia de panóptico digital, elaborada por Han, auxilia na compreensão das práticas de informação na sociedade contemporânea.

O objetivo geral traça uma linha diretriz ampla para a pesquisa. Ao focar no "panóptico digital", a investigação busca entender como as noções de vigilância e exposição, elaboradas por Byung-Chul Han, impactam as práticas informacionais de hoje. Isso envolve uma análise profunda de como a informação é gerada, distribuída, consumida e controlada na era digital, tendo como pano de fundo a ideologia de vigilância e autoexposição discutida por Han. O alcance deste objetivo possibilitará uma compreensão mais profunda das interações entre tecnologia, sociedade e indivíduo.

1.1.2 Objetivos Específicos

A) Analisar o conceito de panóptico digital para os estudos de informação a partir da perspectiva do filósofo Byung-Chul Han;

Este objetivo foca especificamente na visão de Han sobre o mundo digital. Isso requer uma análise detalhada de seus escritos para identificar suas perspectivas sobre digitalização, comunicação online e as consequências sociopolíticas e psicológicas dessa revolução comunicativa. É essencial compreender como Han vê a interação humana na era digital e como isso molda a percepção de realidade.

B) Identificar os principais conceitos estabelecidos pelo filósofo no que tange o entendimento das relações entre a informação digital e os sujeitos;

Han elabora uma série de conceitos e ideias em seus escritos. Este objetivo visa destacar aqueles que são diretamente relevantes para entender a dinâmica entre informação digital e os sujeitos. A identificação desses conceitos é essencial para compreender a interação do indivíduo com a informação na era digital e como isso afeta sua autonomia, liberdade e identidade.

C) Examinar de que forma Han concebe o mundo digital.

O panóptico digital é central nesta pesquisa. Este objetivo se dedica a explorar em profundidade o que Han quer dizer com esse conceito, suas origens, implicações e como ele se aplica aos estudos de informação. Ao alcançar este objetivo, a pesquisa pode oferecer uma análise sobre como a vigilância digital e a autoexposição estão moldando as práticas e percepções informacionais.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, serão delineados os caminhos metodológicos adotados para atingir os objetivos geral e específicos deste trabalho, ou seja, a metodologia a ser adotada para descrever as abordagens, técnicas e processos utilizados para conduzir a pesquisa. Pretende-se, também, elucidar as razões subjacentes à escolha das obras *Psicopolítica* e *No Exame*, destacando principalmente o escopo desses livros, a proximidade com a Ciência da Informação e a significância de seu autor.

2.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho se apresenta com uma metodologia revisada, concentrando-se na análise documental das obras de Byung-Chul Han, notadamente *Psicopolítica* (2017), e *No Exame* (2018). Esta metodologia é estruturada para realizar a análise dos conceitos relevantes acerca do mundo digital que Han desenvolve nesses ensaios, no que tange ao conceito de "panóptico digital". O método escolhido para a pesquisa é qualitativo, permitindo uma abordagem detalhada e interpretativa ideal para a análise de textos filosóficos e teóricos. A pesquisa está focada na análise documental das obras de Han, notadamente *Psicopolítica* e *No Exame*, para extrair uma análise sobre o impacto da digitalização e da vigilância algorítmica nas práticas de informação contemporâneas.

Com auxílio da análise crítica do discurso, coletaremos nossos dados. Essa abordagem possibilita uma avaliação detalhada dos argumentos, propostas e ideias de Han, além de identificar e interpretar temas, padrões e significados subjacentes em seus textos. Ao utilizar essa técnica, a pesquisa busca compreender como Han estabelece conexões entre tecnologia, sociedade e indivíduo, explorando como esses elementos interagem para moldar a percepção de informação e liberdade na era digital. A seguir, podemos entender como a metodologia se deu:

- 1. Seleção e Preparação dos Textos:** A análise crítica do discurso (ACD) começou com a seleção cuidadosa dos textos de Byung-Chul Han, focando nas obras "Psicopolítica" (2017) e "No Exame" (2018). Esta seleção foi guiada pelo objetivo de investigar o conceito de "Panóptico Digital". Os textos foram preparados para análise,

incluindo a digitalização e a segmentação em unidades analisáveis, como capítulos ou seções específicas.

2. Identificação de Temas e Conceitos-Chave: Utilizando a ACD, a pesquisa identificou temas recorrentes e conceitos-chave nos textos. Isso envolveu uma leitura detalhada para destacar referências ao mundo digital, vigilância, autonomia e outros aspectos relevantes do trabalho de Han.

3. Análise de Estruturas Linguísticas e Retóricas: A ACD não se limitou ao conteúdo, mas também examinou como o discurso foi estruturado. Isso incluiu a análise da linguagem utilizada por Han, seu estilo de escrita, o uso de metáforas, e como estes elementos contribuíram para a construção de argumentos sobre o panóptico digital.

4. Contextualização Social e Histórica: A pesquisa contextualizou o discurso de Han dentro de seu contexto social e histórico. Isso envolveu entender o cenário tecnológico e sociopolítico em que Han escreveu, o que ajudou a interpretar seus argumentos no contexto das dinâmicas contemporâneas de informação e vigilância.

5. Interpretação e Conexões Teóricas: Após a análise, os resultados foram interpretados. Isso incluiu conectar as ideias de Han com teorias existentes sobre tecnologia, sociedade e vigilância. A pesquisa buscou entender como Han contribuiu para o debate existente e como suas ideias se aplicavam ao cenário atual.

6. Reflexão Crítica e Avaliação: Finalmente, a pesquisa adotou uma postura crítica, avaliando os pontos fortes e limitações dos argumentos de Han. Isso incluiu uma reflexão sobre o que Han não abordou em seus textos e como suas teorias se alinhavam ou divergiam de outras perspectivas no campo.

Visando garantir uma abordagem completa do tema, a pesquisa seleciona os dois textos de Han, *Psicopolítica* e *No Enxame* que se concentram explicitamente em questões digitais, vigilância e tecnologia, excluindo obras que não abordam diretamente esses tópicos. Essa seleção assegura que o estudo permaneça centrado em seu objetivo principal: explorar a influência do panóptico digital nas práticas informacionais e na autonomia dos indivíduos na era da informação.

2.2 A ESCOLHA DAS OBRAS

Ao ponderar sobre a abordagem teórica mais adequada para melhor compreendermos o conceito de panóptico digital e outros aspectos relacionados ao digital, chegou-se à conclusão de que seria mais eficaz optar por uma única perspectiva teórica, diante das diversas abordagens possíveis sobre o tema. Com base nessa premissa, a escolha recaiu sobre uma metodologia de pesquisa menos convencional na área da Ciência da Informação, porém muito comum nas ciências humanas, a saber: a seleção de obras específicas para fundamentar a compreensão de um tema, proporcionando uma expressão clara das percepções de um pensamento ou de uma corrente filosófica.

É importante ressaltar que na área da Ciência da Informação, não é comum a apropriação integral de conceitos ou obras da filosofia para explicar processos que ocorrem dentro do próprio campo. No entanto, essa decisão metodológica foi tomada com o intuito de explorar novas possibilidades de análise e interpretação, reconhecendo que as abordagens tradicionais podem não abarcar completamente a complexidade dos fenômenos relacionados ao panóptico digital. Ao adotar essa abordagem menos convencional, busca-se enriquecer o entendimento desses processos por meio da incorporação de conceitos provenientes da Filosofia, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada.

Por serem do mesmo autor, das obras é extrair um conhecimento mais abrangente do conteúdo e das visões que o filósofo apresenta, o que, por sua vez, estabelece uma limitação crucial na tipologia e abrangência do conteúdo a ser analisado.

As obras *Psicopolítica: Neoliberalismo e Novas Técnicas de Poder* e *No Enxame: Perspectivas do Digital*, foram escolhidas para basear os estudos sobre panóptico digital com base principalmente em quatro motivos definidos pela autora: (1) relevância atual e temática, (2) proximidade com a área da Ciência da Informação, (3) reputação do autor e das obras e (4) afinidade pessoal da pesquisadora para com elas.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E FILOSÓFICA DE BYUNG-CHUL HAN

Nesta seção, iremos fornecer uma breve introdução histórica e filosófica sobre Byung-Chul Han, o autor central do referencial teórico deste trabalho. Nossa abordagem consistirá em apresentar a jornada pessoal dele como filósofo e destacar de forma concisa as correntes filosóficas que frequentemente se conectam com os conceitos introduzidos por Han, ou seja, os alicerces de sua filosofia. Após devidamente contextualizado, teceremos apontamentos sobre sua visão do mundo digital e seu panóptico, para então, seguirmos às análises das obras norteadoras desta pesquisa.

Byung-Chul Han nasceu em Seul, na Coreia do Sul, em 1959. Atualmente é Professor de Filosofia e Estudos Culturais na Faculdade de Artes da Universidade de Berlim, onde também dirige um programa de Estudos Gerais. Porém, antes de se tornar filósofo, sua jornada acadêmica se inicia na metalurgia, ainda na Coreia do Sul. Ao El País, em rara entrevista sobre sua trajetória, Han explica:

No final dos estudos me senti um idiota. Na verdade, eu queria estudar algo literário, mas na Coreia eu não poderia mudar meus estudos, nem minha família teria permitido. Eu não tive escolha a não ser ir embora. Menti para meus pais e me estabeleci na Alemanha, embora mal conseguisse me expressar em alemão. (Han, 2014, tradução nossa)

Nos anos 80, a literatura desempenhou um papel fundamental na decisão de Han de mudar-se para a Europa. Mantendo em segredo suas motivações acadêmicas e até mesmo suas dificuldades financeiras, que eram tão pronunciadas a ponto de ameaçar sua permanência na Europa em vários aspectos, inclusive na quantidade de refeições que podia fazer por dia, Han deu início à sua carreira como filósofo. Ele obteve seu diploma em Filosofia na Universidade de Freiburg, além de estudar Literatura Alemã e Teologia Católica na Universidade de Munique. As dificuldades do idioma e as barreiras financeiras foram superadas gradativamente, conforme sua jornada de estudos seguia. Han relembra, em sua entrevista, quando optou por estudar primeiro Filosofia:

[...]eu, que sou romântico, pretendia estudar literatura, mas lia muito devagar, então não consegui. Mudei para a filosofia. Para estudar Hegel, a velocidade não é importante. Basta poder ler uma página por dia. (Han, 2014, tradução nossa).

Em 1994, Han obteve o título de Doutor em Filosofia, com uma tese sobre Martin Heidegger, filósofo que aparece recorrentemente em seus escritos. Quando chegou à Alemanha, Han sequer havia ouvido falar de Heidegger.

As publicações de Han ainda estão ganhando destaque na atualidade, dada a amplitude dos temas pertinentes ao modo como vivemos em sociedade e às estruturas sociais que nos cercam. O filósofo é conhecido por suas contribuições à filosofia contemporânea, seguindo a vertente continental de pensamento⁵ - isto é, aquela que diverge da analítica - com foco em temas como sociedade, tecnologia, mídia e cultura. Suas obras contemplam questões relevantes para a compreensão da sociedade pós-moderna. De acordo com Han (2018), são características dessa sociedade a dominação através dos dispositivos; liberdade ilimitada numa realidade de exposição contínua que leva o sujeito à exaustão por suas próprias ações; julgamentos; comparações e autoagressão. Temas como a influência das redes sociais, a cultura do excesso, a vigilância digital e a busca incessante pela sempre satisfação em um mundo hiper conectado, são tópicos dos escritos de Han que agem como convite a resistir num mundo de hegemonia da digitalização.

Seus postulados, sobretudo aqueles que fazem reflexões sobre o modo neoliberal de sociedade, têm servido como guia para muitos que se preocupam em entender a psicopolítica, bem como as novas técnicas de poder que a atualidade digitalizada oportuniza. Os ensaios são constituídos de argumentos que expressam as vertentes filosóficas que Han segue, bem como sua própria filosofia. Podemos perceber tais vertentes quando o filósofo equipara, por exemplo, a ideia Marxista da ditadura do proletariado - um regime de exploração imposta por outros, onde existe a possibilidade dos explorados se unirem contra os exploradores, cujas relações são explícitas e repressivas de dominação - para definir um dos possíveis efeitos do

⁵ O estilo adotado difere drasticamente da abordagem analítica na filosofia. Os pensadores continentais frequentemente optam por uma comunicação menos transparente em relação aos seus conceitos, ao contrário dos filósofos analíticos, que tendem a esclarecer meticulosamente seus termos antes de avançar. Em vez disso, os continentais recorrem mais frequentemente a metáforas, sem oferecer uma interpretação literal explícita, e tendem a empregar uma linguagem mais carregada de jargões abstratos e idiossincráticos. Ao desenvolver uma ideia, eles apresentam argumentos, porém é desafiador identificar premissas específicas e seguir os passos do raciocínio de forma clara e linear.

neoliberalismo como conhecemos hoje. Tal efeito, ele resume em uma frase: “[...] no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos.” (Han, 2017, p. 16).

As reflexões acerca da erosão do “eu” e a subjetividade humana, compõe a filosofia de Han. O filósofo debate sobre a adesão de ideologias digitais, como a *quantified self* (autoquantificação), técnica do movimento dataísta⁶, e como os fluxos informacionais no mundo digital corroboram para que tal erosão perpetue.

Quanto ao arcabouço teórico de Han para discutir essas questões, percebemos Foucault como figura que traz referencial teórico central em sua abordagem acerca do panóptico digital. A noção de panóptico, que Foucault desenvolveu em suas obras, introduziu a noção de vigilância e controle social em suas análises, conceitos estes que Han adapta para o contexto da era digital. Han (2017) argumenta que as tecnologias digitais e as redes sociais criam um ambiente em que as pessoas se vigiam mutuamente, gerando sofrimento psíquico. A influência, também, de Gilles Deleuze, pode ser vista na ênfase de Han na individualidade e na exploração das dimensões subjetivas da experiência digital, seu pensamento sobre a sociedade do controle também contribui para a compreensão das dinâmicas contemporâneas.

Hegel e Kant contribuem para a compreensão da moralidade e da autonomia individuais e subjetividade, conceitos que Han discute ao explorar como a tecnologia digital afeta nossa liberdade e responsabilidade. Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, cujas obras “Dialética do Esclarecimento” e “Teoria Crítica” são clássicos da Escola de Frankfurt, estão presentes para fomentar a crítica de Han à cultura do excesso e à alienação na sociedade contemporânea. Walter Benjamin e sua reflexão sobre a reprodutibilidade técnica desempenham um papel na análise de Han sobre a cultura da imagem e da reprodução digital.

George Orwell e Jean-Jacques Rousseau inspiram as preocupações de Han com a vigilância e a erosão da privacidade no mundo digital. Jürgen Habermas, por sua vez, influencia o debate sobre a esfera pública digital e a comunicação na era da

⁶ Podemos definir os dataístas através do argumento de Han: ‘Os dataístas estão convencidos de que a humanidade dispõe pela primeira vez na história dos dados que a proporciona um saber total sobre a sociedade.’ (Han, 2017, p. 68)

internet. Vilém Flusser e Ludwig Wittgenstein contribuem para sua compreensão sobre a linguagem, comunicação e a forma como a tecnologia molda nossas interações sociais.

Por fim, Heidegger desempenha um papel significativo na filosofia de Byung-Chul Han, especialmente em relação à questão da tecnologia e da relação entre o ser humano e o mundo digital. O panóptico digital, conceito frequentemente explorado por Han, destaca como a vigilância e o controle se tornaram inerentes à nossa interação com as tecnologias digitais, ecoando as preocupações heideggerianas sobre a tecnologia moderna.

Han fornece uma tapeçaria de influências filosóficas que abrangem uma ampla gama de vertentes, desde a teoria crítica social até a reflexão moral sobre a tecnologia que está inserida em nosso cotidiano, todas convergindo para sua construção de análise do panóptico digital e das complexidades da sociedade contemporânea.

4 PSICOPOLÍTICA E NO ENXAME: SOBRE AS OBRAS

Nesta seção, iremos apresentar as principais ideias de Byung-Chul Han, presentes nas obras que abordam as comunicações digitais, a saber: *Psicopolítica* e *No Enxame*. A exposição dessas ideias será feita de forma sucinta, preocupando-se em profunda exposição nas seções que seguem. A identificação dessas ideias é fundamental para facilitar a compreensão da interligação entre a informação digital e os indivíduos. Ao reconhecer as contribuições teóricas do filósofo, podemos esclarecer conceitos que enriquecem a pesquisa no campo da informação

4.1 DA AUTOEXPOSIÇÃO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

“*Proteja-me do que quero*” é a frase que antecede o primeiro capítulo intitulado “Crise da Liberdade: a exploração da liberdade” do livro *Psicopolítica*. A frase nos introduz indiretamente ao contexto da sociedade contemporânea, servindo como um prenúncio do que será lido ao longo da obra ou, o aviso inerente ao “capitalismo do curtir”, como alerta Han (2017, p. 28).

A obra destaca dois estudos epistemológicos, cujo primeiro desemboca no segundo: a biopolítica de Michel Foucault (1926-1984) e a psicopolítica, conceito apresentado ao longo da obra. O argumento que se sobressai no livro é o de autoexploração inerente ao nosso contexto de neoliberalismo, já que, conforme o autor nos esclarece, “é a exploração da liberdade que gera o maior ganho” (Han, 2017, p. 12). Em suma, a obra discorre sobre a transição da sociedade disciplinar para a sociedade psicopolítica neoliberal. Afinal, tal sociedade é caracterizada pela crescente influência da produção e circulação de informações, serviços intangíveis, a análise extensiva de big data e a onipresença das mídias digitais. Nessa transformação, as formas tradicionais de controle social e poder disciplinar cedem espaço para novas estratégias que moldam as particularidades e o comportamento dos indivíduos.

Han divide o livro em 13 (treze) partes: Crise da Liberdade; Poder Inteligente; A Toupeira e a Serpente; Biopolítica; O Dilema de Foucault; A Cura Como Assassinato; Choque; O Amável Grande Irmão; O Capitalismo da Emoção; Gamificação; Big Data; Para Além do Sujeito; e Idiotismo. Tal divisão representa uma jornada de questionamentos sobre as crises inerentes à liberdade, sendo a mais

agravante delas a redefinição da liberdade política e social como uma nova forma de exploração e controle. Em outras palavras, a própria liberdade resulta em restrições de poder sem limites e proibições à experiência humana.

Aspectos importantes abordados por Han para iniciar seus apontamentos sobre a sociedade neoliberal, são a diferenciação entre os poderes disciplinar e o inteligente, ou, a psicopolítica. O poder disciplinar de Foucault (1979) é caracterizado pela negatividade e pela tentativa de coerção do outro para obedecer às suas ordens, podendo se manifestar de diversas maneiras, incluindo a mais comum delas, a violência. O poder inteligente não necessariamente proíbe ou se opõe à liberdade. Pelo contrário, ele é capaz de criar situações e estímulos nas quais as pessoas se submetem à dominação de forma voluntária. É um poder que se apropria da liberdade e, portanto, ele é mais amigável do que repressivo.

Na concepção de Han (2017), a liberdade deveria ser antagonista da coerção. Todavia, o sujeito livre enfrenta coerções produzidas pela própria liberdade. Exemplos a serem traçados são as doenças patológicas, que se mostram efeitos do regime neoliberal. O filósofo discorre sobre as concepções de liberdade inseridas no regime neoliberal e como o sistema apropria-se da exploração dessa liberdade.

Para Han, a liberdade e autoexploração levam a autoexposição, assim, normalizando uma sociedade em que as pessoas não enxergam a conexão entre sua liberdade nos espaços digitais e a erosão gradual da proteção de seus dados pessoais, uma vez que estes são facilmente localizados e comercializados para diversos fins e empresas. Desta forma, podemos perceber como a psicopolítica corresponde a um poder inteligente, que não se atém a aprisionar corpos ou negar comunicações, pois restrição ou privação, para ela, não é forma de poder. Essa técnica neoliberal atua de maneira sutil, visto que leva o indivíduo a não ver qualquer contexto de repressão, percebendo-se sempre como livre.

4.2 DAS CRISES QUE TANGEM A SOCIEDADE DESMEADITIZADA

Em 2018, Byung-Chul Han continuou tecendo notas acerca do mundo digital no contexto do regime neoliberal, bem como dos processos que envolvem as relações entre sujeitos na atual digitalização da vida, com o livro intitulado *No exame: Perspectivas do digital*.

O filósofo desdobra seu ensaio em 16 (dezesesseis) capítulos: Sem respeito; Sociedade da indignação; No enxame; Desmediatização; O Hans Esperto; Fuga na imagem; Do agir ao passar de dedos; Do camponês ao caçador; Do sujeito ao projeto; Nomos da Terra; Fantasmas Digitais; Cansaço da informação; Crise da representação; De cidadãos a consumidores; Protocolamento total da vida; e Psicopolítica. O prefácio oferece uma sentença significativa que nos guia pela obra (2018, p. 10):

Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embragamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual.

Han oferece um panorama social acerca do acesso e confecção de um mundo digital, cujos capítulos da obra se relacionam, porém, são independentes entre si. São três os eixos temáticos que acompanham os capítulos: a representação da comunicação e da sociedade digital; a reflexão sobre a condição humana neste contexto e, finalmente, alguns dos resultados dessa nova forma de existência. Outros subtópicos estão presentes e clarificam-se como prognósticos que concernem às interações entre sujeitos nas plataformas digitais: a ausência da representação e as relações entre poder e respeito.

O argumento da “comunicação compulsiva” descrito por Han (2018) começa com a ascensão da mídia digital e a ausência de ações reflexivas, ou o excesso de ações sem filtro, tornando os sujeitos distantes, sem empatia, carentes de ações críticas, em face ao desrespeito pelo outro, sendo basilar para instaurar a ausência de coletivo, dando espaço à cegueira e desrespeito recíproco, característico do que Han chama de “enxame”. O primeiro capítulo, intitulado "Sem Respeito," introduz a ideia central de que vivemos em uma sociedade do desrespeito, marcada pelo espetáculo e escândalo. Han destaca como a comunicação digital, especialmente a anonimidade online, contribui para a cultura da indiscrição e para a erosão do respeito mútuo. A falta de distância na comunicação online é apontada como prejudicial, interferindo na capacidade de reconhecimento e compreensão entre os indivíduos.

A obra avança para discutir a "Sociedade da Indignação" no segundo capítulo, enfatizando a natureza volátil e efêmera das ondas de indignação na era digital,

caracterizadas pelas “emoções”. A “indignação digital” é criticada por sua incapacidade de conduzir a ações significativas ou narrativas coerentes.

O terceiro capítulo, “No Exame,” explora a tese de que o novo fenômeno social é o “exame digital,” caracterizado por indivíduos isolados que se agrupam sem formar um “Nós” coeso. Han argumenta que, ao contrário das massas tradicionais, o exame digital carece de coesão e se manifesta mais como um barulho do que como uma voz.

Outros capítulos abordam temas como a desmediatização, a perda de taticidade e corporeidade na comunicação digital, a fuga na imagem, entre outros. Cada capítulo oferece uma análise profunda e crítica das transformações sociais resultantes da ascensão do digital. Assim, Han destaca preocupações sobre a perda da experiência humana autêntica devido à prevalência da comunicação digital, apontando para a “atrofia das mãos” como uma metáfora da incapacidade de agir genuinamente na era digital. A obra discute a transformação do sujeito em consumidor, a crise da representação e, finalmente, a ascensão da psicopolítica digital, onde a vigilância e o controle dos pensamentos são destacados como preocupações fundamentais.

5 CONCEITOS-CHAVE DE BYUNG-CHUL HAN E A RELAÇÃO COM A INFORMAÇÃO DIGITAL

Nesta seção, iremos investigar como o filósofo interpreta o processo de digitalização das relações sociais e políticas, bem como a estrutura teórica na qual ele situa essas relações. Esta análise das ideias pretende compreender a conexão entre a informação digital e os indivíduos.

5.1 O PANÓPTICO EM BENTHAM, FOUCAULT E HAN

Para podermos entender como Han contempla a digitalização da vida e suas consequências nos fluxos informacionais, se faz importante voltarmos a atenção aos escritos do filósofo e jurista iluminista Jeremy Bentham (1748-1832), idealizador do panoptismo.

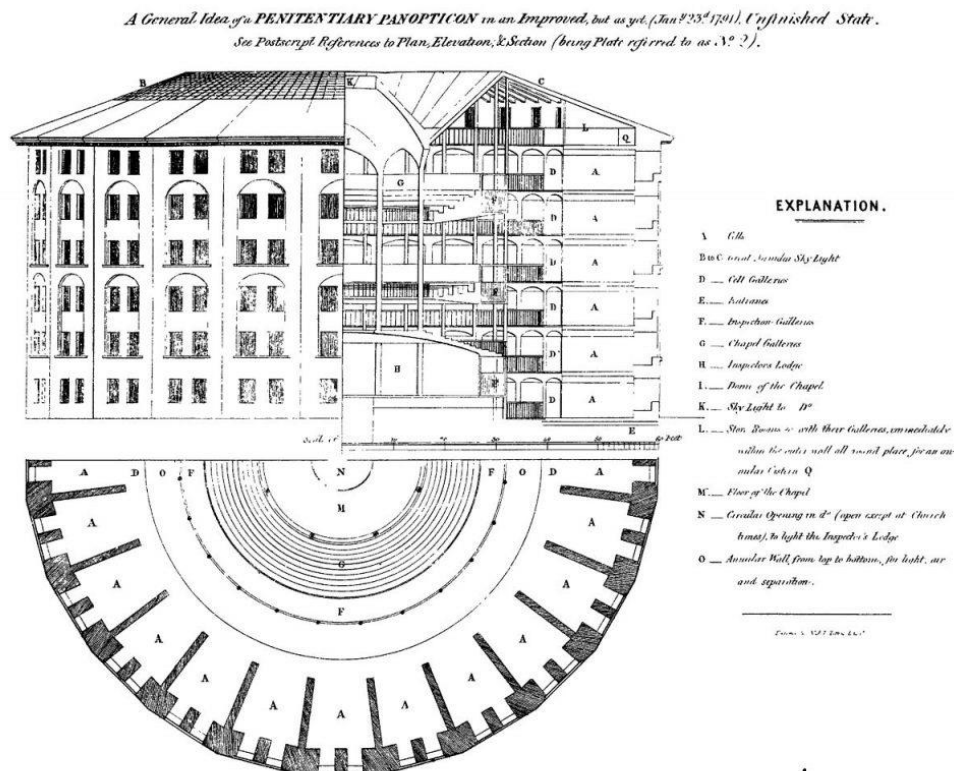
À luz da etimologia, o termo “Panóptico”, do grego *Panoptés*, tem o seguinte significado: aquilo que permite ver tudo. Onde *PAN* significa *todo* e *OPTIKON*, refere-se à *visão*. Podemos, então, a partir do conhecimento etimológico, definir o “Panóptico” como lugar de onde tudo se vê” (Bentham, 2000, p.16). No final do século XVIII, Bentham estabeleceu o conceito de *Panóptico* para designar uma estrutura arquitetônica projetada com intuito de viabilizar a observação total de seus ocupantes sem que eles saibam que estão sendo observados. O modelo arquitetônico em questão é uma “prisão ideal”, onde os presos são supervisionados por um único vigia. A descrição de Jeremy Bentham sobre a arquitetura do *Panóptico* é apresentada em uma correspondência, da seguinte maneira (2000, p. 20):

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser de celas. Essas celas são separadas entre si e os prisioneiros, dessa forma, impedidos de qualquer comunicação entre eles, por partições, na forma de raios que saem da circunferência em direção ao centro, estendendo-se por tantos pés quantos forem necessários para se obter uma cela maior. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor.

Ou seja, a estrutura arquitetônica como um todo é projetada em função de uma maximização da capacidade do “inspetor” em monitorar os presos. A existência da vigilância pretende, assim, que os prisioneiros ajam em conformidade às regras e aos comportamentos desejados pelo vigia. Essa abordagem seria, além de econômica, muito eficaz, produzindo uma sensação de constante vigilância nos prisioneiros e, conseqüentemente, maior controle sobre eles. Este sistema de monitoramento seria aplicável, também, nas palavras do pensador, “a prisões, escolas, hospitais, fábricas para tornar mais eficiente o controle daqueles estabelecimentos.”, (Bentham, 2000, p.18).

A seguir, podemos observar o desenho da planta que elabora a confecção física dessa prisão (Figura 1):

Figura 1 - Planta do Panopticon



Fonte: hiddenarchitecture.

Como podemos ver, Bentham não estava sendo exagerado ou fantasioso na concepção da prisão. As janelas, estrategicamente posicionadas na torre, impediriam os detentos de captar qualquer vislumbre do observador, enquanto este, de maneira onipresente, teria a capacidade de monitorar todos os indivíduos encarcerados em tal ambiente, eliminando a necessidade de vários vigias. Econômica em custos de pessoal e eficiente em ideal repressor.

No século XX, Michel Foucault desenvolve este panóptico, que antes fora elaborado estritamente como algo físico, em um modelo de sociedade, denominada por ele de “sociedade disciplinadora”. Aqui, a noção de panoptismo transcende a arquitetura de prisões para se tornar o paradigma que permeia as mais diversas esferas da vida social. Tal modelo de panóptico busca não apenas conter a propagação de comportamentos indesejados, mas também serve como meio de homogeneizar uma sociedade. Portanto, segundo Foucault, o objetivo da *disciplina*, neste contexto, vai muito além de punir: ela serve para moldar o maior número possível de indivíduos conforme os padrões desejados pelo poder dominante. Mais especificamente, moldar o comportamento, a mentalidade e as ações dos *afetados* pelo padrão estabelecido. De acordo com o filósofo (1983, p. 169):

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça.

O que Foucault (1983) está argumentando é que, no contexto histórico em questão, a presença incessante do *panóptico disciplinar* assume boa parte da responsabilidade pela internalização, no indivíduo, dos valores e normas sociais.

E são muitas as instituições dispostas a carregar o poder de monitorar e disciplinar, como o Estado, a família, a escola, a mídia, entre outros, ou seja, a vigilância tem papel significativo na modulação do comportamento sociopolítico.

Esse processo de internalização das normas sociais é inconsciente, porém, ao serem internalizados, influenciam escolhas, atitudes e comportamentos, sejam individuais ou de grupos sociais. De acordo com Foucault, esse tipo de poder disciplinador e normativo é fundamental para a manutenção da ordem social e do controle sobre os indivíduos.

São destes arcabouços teóricos que Han vai se utilizar para descrever a sociedade virtual contemporânea. O filósofo comenta acerca do panóptico em ascensão, aplicado no mundo digital, que mantém vigilância contínuo sobre os comportamentos sociopolíticos dos usuários à distância e não mais as restrições e limitações físicas, isto é, dos próprios corpos dos indivíduos, tal como na sociedade disciplinar. Podemos observar nos escritos de Han, a diferença entre os panópticos (2017, p.35):

A técnica disciplinar passa da esfera corpórea àquela mental. [...] Contudo, a psique não está no foco do poder disciplinar. A técnica ortopédica do poder disciplinar é muito grosseira para penetrar nas camadas mais profundas da psique - com seus desejos ocultos, suas necessidades e seus anseios - e apoderar-se deles. Também o Grande Irmão de Bentham observa seus internos apenas de fora.

Ao contrário do panóptico da sociedade disciplinar, o panóptico digital dispensa a necessidade de um observador tangível para exercer sua vigília, tão pouco exige o isolamento para consolidar seu poder. Pelo contrário: seu êxito está na permissão e promoção dessa liberdade virtual, pois o acesso ao mundo digital e seus “espaços” são sempre acompanhados da permissão do usuário em compartilhar seus dados, suas posições geográficas e ideológicas, seus gostos e preferências, etc.

Simultaneamente à permissão do usuário, este mesmo se torna agente de promoção do panóptico, ao interagir, compartilhar, acessar todos estes ambientes. “O pan-óptico faz uso de uma revelação voluntária por parte de seus internos. A autoexploração e autoexposição seguem a mesma lógica. A liberdade é sempre explorada.”(Han, 2017, p. 57). Ou seja, esse modelo, que se apropria das liberdades individuais de maneira sutil, é engajado por nós, os participantes contínuos da sociedade digital, visto que “os internos do pan-óptico digital por sua vez, comunicam-se intensivamente e expõem-se por vontade própria. Participam assim, ativamente, da construção do pan-óptico digital.” (Han, 2017, p. 19). Han pondera sobre a ascensão desse novo modo de vigilância que se apodera da liberdade nos espaços digitais para controle (2017, p. 19):

A liberdade e a comunicação ilimitadas se transformaram em monitoramento e controle total. Cada vez mais as mídias sociais se assemelham pan-ópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social. Mal nos livramos do pan-óptico disciplinar e já encontramos um novo e ainda mais eficiente.

A transparência, isto é, nada é “oculto” nas mídias sociais, segundo Han (2018), acaba por fornecer detalhes sem a necessidade de conhecer profundamente os indivíduos. Ressaltando ainda que, tudo o que fazemos na internet é rastreável e armazenado. De acordo com Han (2018, p. 122):

Todo clique que eu faço é salvo. Todo passo que eu faço é rastreável. Deixamos rastros digitais em todo lugar. Nossa vida digital se forma de modo exato na rede. A possibilidade de um protocolamento total da vida substitui a confiança inteiramente pelo controle. No lugar do Big Brother, entra o Big Data. O protocolamento total e sem lacunas da vida é a consumação da sociedade de transparência.

A sofisticação da vigilância trazida pelo digital consiste na autopercepção que os usuários têm de si. Acreditam-se livres dentro daquele “espaço” digital porque fornecem de boa vontade as suas informações. Os registros das informações pessoais, Han chama de “protocolamento total da vida”, onde o panóptico digital evidencia-se. Os usuários, que fornecem dados e informações e operam para a transparência do digital, conectam-se uns com os outros de maneira tão intensa (hipercomunicação) que torna possível o controle total e eficiente da comunidade digital, assim como podemos ver no argumento de Han (2018, p. 123):

A sociedade de vigilância digital apresenta uma estrutura especialmente panóptica. O panóptico de Bentham consiste de células isoladas umas das outras. Os prisioneiros não podem se comunicar uns com os outros. As divisórias cuidam para que eles não possam ver uns aos outros. Tendo por finalidade o melhoramento, eles são expostos à solidão. Os habitantes do panóptico digital, em contrapartida, se conectam e se comunicam intensamente uns com os outros. Não o isolamento espacial e comunicativo, mas sim a conexão e a hipercomunicação que tornam o controle total possível.

No contexto do neoliberalismo, as plataformas digitais se posicionam com base no comércio, utilizando das informações coletadas do panóptico. Dessa forma, podemos interpretá-las como plataformas que funcionam como entidades de poder. O poder, nesse cenário, reside na capacidade de garantir uma ferramenta eficaz de vigilância. A posse desses dados não apenas reflete a influência sobre as dinâmicas digitais, mas também confere uma vantagem estratégica ao detentor do poder informacional.

Tais plataformas digitais são mecanismos que proporcionam espaço para algo que Han (2017) chama de “poder inteligente”, ou psicopolítica. Todavia, a psicopolítica não se restringe à mera ferramenta para análise de mercado, “a psicopolítica está em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos.” (Han, 2017, p. 130). Ao decifrar padrões comportamentais através do *Big Data*, as entidades detentoras dessas informações estão, de certa forma, engajadas na atuação psicopolítica, onde a manipulação sutil das percepções e a orientação dos comportamentos são exercidas por meio da análise e interpretação profunda dos dados coletados.

A psicopolítica como instrumento de controle mental e ideológico, se alimenta da aceleração da comunicação e da liberdade nos espaços virtuais. Aceleramos a comunicação e processos passionais, o que faz com que nós, como indivíduos, no contexto atual, não tenhamos tanto tempo ou apreço por reflexões. A exemplo, temos as interações dos sujeitos digitais no âmbito político. De alguma forma, um determinado eleitorado acabará por consumir conteúdos de seus elegíveis, normalmente o conteúdo entregue irá reafirmar alguma crença, até mesmo ocultando informações que poderiam mudar o rumo de uma eleição.

Han comenta acerca de uma das ferramentas do panóptico capaz de delinear minuciosamente os perfis dos usuários com base em informações de desejos, gostos e apreciações, isto é, os algoritmos de recomendação. Esses algoritmos desempenham papel essencial na formação de uma realidade, supostamente ideal, ao filtrar e apresentar informações que confirmam nossas inclinações preexistentes. Ao fazê-lo, eles contribuem para a construção de um ambiente digital que reforça constantemente nossas perspectivas e interesses, criando o “filtro bolha” na qual a exposição à alteridade e a experiência de visões contrastantes são limitadas.

Pelo menos no que concerne às redes sociais, é instintivo aceitar o que nos é entregue de antemão, afinal, os algoritmos de recomendação colaboram para tal. Esse movimento nos leva a enxergar a passionalidade dessas ações, pois é mais fácil manipular o indivíduo mergulhado nas emoções do que aquele que reflete racionalmente. De acordo com Han (2017, p. 68):

A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo. Através da emoção, as pessoas são profundamente

atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo.

Na psicopolítica, o valor das informações é ressignificado ao destacar a importância delas em moldar a percepção e o comportamento das pessoas. Em outras palavras, essa forma de poder reconhece que as informações não são apenas fatos objetivos, mas sim elementos que são moldados, selecionados e divulgados com objetivos específicos. Han vê esse novo significado dado às informações como fenômeno que ocorre no contexto do capitalismo de informação. Este modelo econômico, que é centrado na produção e no consumo de informações, ocorre em paralelo ao capitalismo de vigilância, cuja característica principal está na coleta e análise de dados para fins lucrativos. Lucro que se dá mediante o controle e prognóstico de comportamentos psicopolíticos através da vigília de dados, ou seja, um panóptico digital.

5.2 DOS ALGORITMOS E *BIG DATA* PARA A ASCENSÃO PSICOPOLÍTICA

O regime neoliberal tem como característica principal a não resistência ao sistema. Segundo Han (2017), a ênfase na autonomia individual e na capacidade de fazer escolhas pessoais, imputa ao indivíduo que ele é inteiramente responsável pelo seu sucesso total ou fracasso total, sendo assim, ele passa a não questionar o sistema. Um dos possíveis caminhos impulsionados por essa responsabilidade neoliberal, é o desejo desenfreado por sucesso, muitas vezes definido em termos econômicos, que pode levar os indivíduos a se submeterem a condição de empreendedor de si mesmo, ou explorador de si mesmo, sendo o sujeito “seu próprio servo e senhor”.

Em outras palavras, não se trata de coerção no sentido tradicional, mas sim de um método mais eficaz de atingir a *psiquê* do sujeito digital, pois o "eu" é um projeto que se submete às pressões internas criadas pela busca constante de desempenho e otimização. Han traz uma contribuição para definir o que para ele é o sujeito na sociedade contemporânea, a saber: “O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor,

explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar.” (Han, 2017, p. 10).

Para compor sua definição sobre o regime neoliberal, o filósofo acrescenta o adjetivo de ‘eficiente’, no sentido de explorar vários aspectos da liberdade, ou seja, em suas práticas e formas de expressão. De acordo com Han (2017), podemos compreender que, na verdade, enquanto o sujeito contemporâneo exerce a liberdade, dentro do contexto neoliberal, dentro das redes sociais, ele está alimentando uma série de estruturas que vão atuar para manipulá-lo. Manipulação esta que provém do que nós mesmos passamos a expor voluntariamente, isto é, nossos rastros digitais.

No livro "Algoritmos de Destruição em Massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça à democracia", a professora Cathy O’Neil (2020) destaca como a manipulação inadequada do crescente volume de dados, conhecido como *Big Data*, pode desencadear caos para o ser humano, ao combinar matemática e tecnologia. Modelos permeados por preconceitos e equívocos eram desenvolvidos sem questionamentos, pois as pessoas que forneciam os dados, algumas delas motivadas por boas intenções, alimentavam essas informações. Um exemplo citado por O’Neil (2020), envolve um sistema de avaliação escolar, gerado por um algoritmo que interferiu de maneira inadequada e invasiva na composição do corpo docente da instituição. Neste trecho, é possível ter dimensão do problema que a ferramenta de avaliação de professores causou:

[...]no final do ano letivo de 2010-11, Wysovki recebeu uma pontuação lastimável na avaliação IMPACT. O problema dela era um novo sistema de pontuação conhecido como modelagem de valor agregado, que pretendia medir a eficácia da professora ao ensinar matemática e habilidades linguísticas. Aquela pontuação, gerada por um algoritmo, representava metade da avaliação final e, prevaleceu sobre os comentários positivos dos gestores e da comunidade escolar. O distrito não tinha outra opção a não ser demiti-la junto de outros 205 professores cujas pontuações IMPACT haviam ficado abaixo do limite mínimo. (O’Neil, 2020, p. 10)

Nos mais diversos contextos de regime de informação, ou da estrutura dominante que define como a informação é produzida, distribuída e organizada em uma sociedade, a detenção de informações e dados coletados torna-se um indicativo

de poder. Em outras palavras, as informações extraídas dos indivíduos não apenas influenciam aspectos inerentes às plataformas digitais, mas também teriam o potencial de antecipar comportamentos, como destaca Han, “[...] Os big data tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano. Dessa maneira o futuro se torna previsível e controlável.” (2017, p. 23). Visto que, quando dados e informações são processados por meio de inteligência artificial e algoritmos, é possível determinar processos extrínsecos às plataformas digitais nas quais estão inseridos, atingindo os âmbitos sociais, econômicos e políticos.

Han elucida que esse processo de prognóstico só é possível devido a análise dos rastros que deixamos online, visto que “A possibilidade de decifrar modelos de comportamento a partir do Big Data enuncia o começo da psicopolítica.” (Han, 2017, p. 132). Sendo assim, prever comportamentos pode influenciar de maneira mais rápida os indivíduos, intervindo nas ações deles de forma sutil, em uma velocidade que excede a capacidade individual de compreender a si. Afinal, fazer a leitura desses comportamentos e prognósticos individuais e coletivos dos sujeitos a partir da coleta de dados, “trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo.” (Han, 2017, p. 23).

Em suas análises, Han (2017) enfatiza os *big datas* como incapazes de fornecer uma narrativa com sentido. Isto é, embora esses conjuntos massivos de dados sejam capazes de reunir informações em uma escala sem precedentes, a simples coleta por si só não fornece uma compreensão profunda sobre o que esses dados realmente representam. Eles são apenas aditivos. Isto é, por mais que as informações sejam abrangentes e seu uso possa afetar diversos âmbitos, ainda assim, o ser humano não pode ser reduzido a essa quantificação sem contexto.

Os meandros das interações sociopolíticas e seus efeitos fora da rede são objeto de estudo que, assim como a web, estão em constante movimento. Para tanto, se faz necessário estar atento às mudanças no comportamento interpessoal diante das novas possibilidades de comunicação. Novas maneiras de se expressar digitalmente são, inclusive, incorporadas ao discurso cotidiano, e termos que antes eram exclusivamente de determinadas áreas, e que, possivelmente, não eram assuntos em voga quando se trata de relações interpessoais, passam a coexistir em outros contextos. Notável exemplo desses termos é, precisamente, o denominado ‘algoritmo’.

Na era digital, os algoritmos utilizam código binário e necessitam de uma máquina para a leitura de uma linguagem computacional. Em suma, um algoritmo precisa de outro algoritmo, em um processo de retroalimentação. Tal leitura de comandos é basilar para a execução de tarefas cada vez mais ágeis e refinadas, resultando no surgimento das inteligências artificiais (IAs). Os algoritmos que, não apenas influem em aspectos extrínsecos ao ambiente digital, como exemplificado em O'Neil (2020), no nível tangível, também geram inserções a nível de psiquê.

Para entendermos como tal controle sob nossas vidas é possível, compreenderemos o algoritmo, em síntese, como um conjunto de instruções lógicas que, quando encadeadas, tomam determinadas ações. Os conjuntos massivos de informação, acoplados à inteligência artificial, tiveram maior abrangência em suas aplicações a partir dos anos 2000, quando foram aglutinados ao *machine learning* (aprendizado de máquina) e ao *deep learning* (aprendizado profundo), acompanhando a evolução da extração e quantificação de dados através das plataformas digitais, como as mídias sociais.

A combinação entre algoritmos, *Big Data* e IA, deu vazão ao próprio regime de informação ser ressignificado, visto mudanças perceptíveis no modo como lidamos com as informações digitais – ou como as informações digitais lidam conosco.

Esse “processo evolutivo” da algoritmização requer atenção às interações complexas entre os sujeitos e sua contextualização na sociedade contemporânea e suas tecnologias da comunicação e informação (TICs). A crescente dependência das tecnologias digitais é evidente, uma vez que essas ferramentas estão cada vez mais integradas ao nosso cotidiano. Não é surpreendente que governos estejam respondendo a essa transformação com a criação de leis para regulamentação do uso de inteligências artificiais. Alguns países, como os Estados Unidos, já deram passos significativos nesse sentido, assinando decretos para regular a inteligência artificial.

A dependência oriunda do convívio com o digital se faz notável ao observarmos indivíduos que integram de maneira definitiva as IAs em suas vidas, como o "*quantified self*". Dentro desse movimento, os indivíduos utilizam dispositivos e aplicativos para monitorar uma ampla gama de aspectos de suas vidas, abrangendo desde atividade física e padrões de sono até elementos relacionados à saúde, entre outros.

A premissa do "*quantified self*", ou em tradução livre, o “eu quantificado”, é o autoconhecimento através dos números. Embora isso forneça grande quantidade de

dados sobre a vida de alguém, Han argumenta que, paradoxalmente, essa prática não contribui para o autoconhecimento genuíno, mesmo que seus usuários criam nessa teoria. Em vez disso, os dados coletados são frequentemente desprovidos de narrativa, significado e reflexão profunda sobre a identidade e a individualidade. O movimento está dentro do dataísmo, que descreve a tendência de dar uma importância desproporcional aos dados em detrimento de outros aspectos da experiência humana, como ética. O dataísmo, de acordo com Han (2017, p.85):

Esvazia o automonitoramento (selftracking) de qualquer ética e verdade e o transforma em mera técnica de autocontrole. Os dados coletados também são publicados e trocados. Assim, o automonitoramento se assemelha cada vez mais à autovigilância.

Tendências como o dataísmo se tornaram possíveis graças ao armazenamento de dados provenientes de nossas atividades online. Tudo o que fazemos na internet é observado e registrado, transformando nossas vidas em representações digitais. Até mesmo dispositivos como *smartphones* que, para Han (2017), “equivaleram às câmaras de tortura”, assistentes de voz entre outros, são capazes de catalogar nossa rotina.

Fora da conjuntura civil, candidatos adquiriram um profundo conhecimento dos eleitores, incluindo detalhes de suas vidas privadas e modos de pensar política com base nesses registros. Isso lhes permitiu influenciar o eleitorado de maneira altamente personalizada. A estratégia de marketing que envolve direcionar mensagens específicas para um público-alvo altamente segmentado, o “*micro-targeting*”, foi utilizada nessa situação como prática política. O efeito disso, foram mensagens de campanha conforme o comportamento previsto dos eleitores.

Nesse contexto, a compreensão das ideias de Han (2017) torna-se ainda mais clara. Segundo ele, a interação da tríade *big data*, algoritmos e inteligência artificial, cria um ambiente capaz de moldar o comportamento das pessoas de uma maneira que ocorre abaixo do nível de consciência. Em outras palavras, o fruto da interação entre esses três elementos existentes nas plataformas digitais, é a capacidade de assumir o controle das camadas pré-reflexivas, pulsionais, emotivas e comportamentais que antecedem as ações conscientes, intervindo assim no comportamento dos indivíduos. De acordo com Han (2017, p. 68):

A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo.

Han traz apontamentos sobre o funcionamento dos sentimentos, emoções e memória dentro das plataformas digitais para pensar como o campo pré-reflexivo é afetado. Uma das distinções de Han, é entre sentimentos e emoções. Dessa forma, ele busca explicar como a psicopolítica é capaz de agir nos comportamentos sociopolíticos.

Nós somos capazes de construir narrativas fundamentadas naquilo que sentimos. Segundo Han justamente por operarem subjetivamente, “o sentimento permite uma narração: tem uma duração ou uma profundidade narrativa. Nenhum afeto nem a emoção são *narráveis*.” (2017, p.60). Podemos compreender os sentimentos, em suma, como *estados*, dos quais podemos sair ou entrar de maneira não rasa. Os sentimentos envolvem reflexão sobre o que está sendo experimentado emocionalmente, sendo assim, podem ser influenciados por fatores como pensamentos, memórias e experiências passadas. As emoções, frente ao sentimento, são fugazes, passageiras. Podemos entendê-los como respostas automáticas e muitas vezes rápidas a estímulos específicos no ambiente, dado que são reações neuroquímicas e fisiológicas que preparam o corpo para enfrentar situações. Portanto, não oferecem narrativa, pois para Han “tanto o afeto quanto a emoção representam algo meramente subjetivo, enquanto o sentimento indica algo objetivo.” (2017, p.60).

Quando Han (2017) pensa a memória humana, a compara a narrativa em que o esquecimento faz parte de sua estrutura. Han (2017) ao citar Freud, aborda a memória humana como um organismo vivo em que diferentes momentos temporais se influenciam mutuamente e se revelam de diversas maneiras. Isso significa que nunca podemos recuperar o passado da mesma forma, pois ele é moldado pelas influências do presente.

Ao passo que, a memória digital funciona de maneira distinta, ela não possui a mesma temporalidade estendida que a memória humana, sendo mais como "mortos-vivos", ou seja, mesmo que aquela memória passe a ser apagada, em termos de dados, ela permanece. Isto é, no contexto de *big datas*, todas as correlações, mesmo

as que pareciam secretas, podem ser reveladas, pois tudo pode ser mensurado e nada é esquecido.

A comunicação digital facilita a expressão dessas emoções. Han (2017) afirma que o “capitalismo da emoção” explora precisamente essas características. Dentro do âmbito digital, para exemplificar a “comercialização” dessas emoções, tomemos as plataformas digitais, com seus algoritmos projetados para identificar conteúdo que evoca reações emocionais intensas, como vídeos engraçados, emocionantes ou sensacionalistas. As mensagens, vídeos ou imagens que provocam fortes emoções, sejam elas positivas ou negativas, têm mais probabilidade de serem compartilhadas. Neste cenário, estamos constantemente espelhando emoções que irão, de alguma maneira, refletir ou coexistir com as que estamos naquele momento. Ainda temos alternativa de expressá-las de diversas formas, sendo as mais comuns apontadas por Han (2017), a autoexposição online e a busca por algum tipo de aprimoramento.

Sendo assim, o sentimento, para Han (2017), não se deixa explorar porque o sentimento não pode ser performado ou interpretado, ao contrário das emoções. Sentimentos necessitam da construção da reflexão. A solidez dos pensamentos deve corresponder aos sentimentos, pois, pressupõe que os sentimentos tenham passado por estágios de “amadurecimento” daquilo que sentimos, sem o rompante das emoções. Han compreende que o sentimento é um *estado* que não oferece a teatralidade das emoções. A exemplo, temos os reflexos informacionais, que são as discussões sem discurso coerente, movidas, segundo Han, pelas emoções.

Os *shitstorms*, ou os reflexos informacionais, são uma forma de comunicação ausente de responsabilidade, que se constroem no anonimato decorrente das plataformas digitais, em uma comunicação sem nomes e rostos. O transmissor do *shitstorm*, protege-se no anonimato, sem consciência das consequências de seus atos e como eles podem afetar o receptor dessa comunicação assimétrica, fomenta esse ato como uma manifestação ruidosa no *enxame digital*, visto que “os *shitstorms* são correntes de afetos e são características da comunicação digital.” (Han, 2017, p. 60). Como aponta Han acerca da anonimidade nos espaços digitais (2018, p. 28):

O homo digitalis [“homem digital”] é tudo, menos um “ninguém”. Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser

“ninguém”, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção.

A *mídia de afetos* nada mais é que a comunicação nas mídias sociais que é equilibrada, de igual para igual, isto é, simetria. Neste espaço digital, a distância entre o público e o privado é anulada, e a erosão do respeito é alimentada pela anonimidade. Essa mídia difere das mídias analógicas como o rádio ou a TV, que possuem uma comunicação assimétrica, ou seja, a interação entre os sujeitos e o canal de informação se dá de maneira passiva, sendo o sujeito aquele que apenas recebe as informações. A comunicação no âmbito digital é ativa, abrindo espaço a diversos diálogos e interações (anônimas ou não), e nessa nova forma de comunicação, relações de poder estão desniveladas e ascendem novos termos para definir certos comportamentos sociopolíticos.

No primeiro capítulo de *“No Enxame”* está concentrado o tema “respeito”, que significa, “literalmente, *olhar para trás*. Ele é um *olhar de volta*.” (Han, 2018, p.11). Aprofundando-se na pressuposição de que respeitar é respeitar a experiência do outro. Com um olhar distanciado sobre este horizonte de experiência, Han entende que nossa sociedade está calcada em excesso de espetacularização e, principalmente, desrespeito. Elementos esses que constroem o que ele chama de “mídia de afetos”. Conforme Han (2018, p. 15):

A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos *instantânea* possível. Já por conta da sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma *mídia de afetos*.

Han (2018) argumenta que o respeito, quando utilizado como meio de comunicação, tem um efeito similar ao do poder. Ele destaca que, frequentemente, as perspectivas ou escolhas de ação de uma pessoa respeitada são aceitas e adotadas sem questionamento ou discordância, assim como quando são acatadas falas de superiores. O filósofo ressalta que é justamente onde o respeito se desvanece que surgem os *shitstorms*.

Ainda ao analisar como ocorrem os abalos nas estruturas das relações sociais desenvolvidas no ambiente digital, Han considera o significativo peso do contexto neoliberal em que estamos inseridos para estabelecer outra distinção importante: entre “massa” e “enxame”. Assim, torna-se evidente o motivo pelo qual o

distanciamento ocorre entre usuários e se torna erosivo para os diálogos nas plataformas digitais. Em outras palavras, “o enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos” (Han, 2018, p. 27). No conceito de massa, é exigido que os indivíduos compartilhem algo em comum e que, nesse processo, o individualismo seja dissolvido. Por outro lado, a ideia de enxame digital expressa um aglomerado de indivíduos digitais, totalmente distintos e singulares, incapazes de uma união homogênea, o que contribui para o distanciamento. Para Han (2018, p. 27):

Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao Shitstorm uma voz. Por isso ele é percebido como barulho.

Um fator importante associado ao fenômeno do enxame é a constante fragmentação que poderia dificultar os processos de reunião e organização entre os participantes. Han (2017) descreve o indivíduo inserido nas redes digitais como um indivíduo cuja característica principal é o isolamento e o foco na construção da identidade virtual própria. Dessa forma, os membros das redes estão constantemente expostos ao risco de se isolarem, pois a ênfase na singularização pode comprometer a viabilidade de conexões significativas.

Para Han (2018), o enxame digital se agrava, ainda mais, na descorporeidade, ou seja, a ausência dos principais elementos de uma comunicação que ocorre presencialmente. As expressões faciais, toques e gestos, e verbalizações (modulação de voz, sonoridade tc.) são aspectos inseridos na comunicação ao vivo, que se dissipam na comunicação digital, abrindo margem a diversas interpretações de uma mesma sentença.

Por decorrência desta distância física e mental, o filósofo aponta: “A comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar.” (Han, 2018, p. 47), pois, as relações entre sujeitos são concebidas, majoritariamente, dentro das *windows*, ou janelas, que Han (2018) descreve como um local onde a comunicação dá-se sem

mediador, “A sociedade da opinião e de informação de hoje se apoia nessa comunicação desmediatizada. Todos produzem e enviam informação.” (Han, 2018, p. 37).

De acordo com Han, essas janelas são locais também para observar cenários idealizados. Nas análises do autor, a comunicação digital não apenas reflete, mas ativamente promove a construção de uma realidade distinta da concretude da existência. Afinal, acentua-se, nas redes sociais, a ausência em detrimento da presença. Han salienta que essa dinâmica se torna mais clara ao considerarmos que nossas interações se dão majoritariamente com o que é postado, não com a realidade das pessoas. Fotografias, antes de serem compartilhadas, podem ser editadas e moldadas para se conformarem a uma concepção desejada do eu.

Então, os *smartphones*, para Han, funcionam como "espaços de espelhamento narcisístico", induzindo-nos a acreditar na total veracidade das representações às quais temos acesso. De acordo com Han (2018, p. 44):

O digital submete a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico a uma reconstrução radical. Ele desconstrói o real e totaliza o imaginário. O smartphone funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do *smartphone* o outro não fala.

Entende-se, então, que janelas de comunicação onde as informações produzidas pelos usuários das plataformas digitais, trazem uma relação de simetria prejudicial ao poder, ou a figuras de autoridade. As janelas acabam por promover alteração na percepção sobre representação, “a crescente pressão da desmediatização também se estende à política. Ela ameaça a democracia representativa.” (Han, 2018, p. 37).

As reflexões que Han faz acerca do âmbito digital, voltam seu olhar à uma sociedade acometida pela desmediatização, isto é, uma sociedade onde a comunicação não precisa de um mediador, afinal, todos têm voz e podem, em teoria, representar a si. No ponto de vista de Han, as plataformas digitais corroboram para uma sociedade que se comunica ativamente, que se posiciona, graças ao ímpeto de estar presente e da autoexposição. Isso ocorre na dinâmica “usuário” e “mídia digital”, que o filósofo afirma acentuar-se mais com o regime neoliberal de desempenho pessoal. Para Han (2018, p. 35):

A mídia digital é uma mídia da presença. A sua temporalidade é o presente imediato. A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação.

O regime neoliberal pressupõe as emoções como recurso para incrementar a produtividade e o rendimento. Numa sociedade em que os indivíduos observam uns aos outros, acaba-se introjetando “ímpetos de aprimoramento”, isto é, buscas por melhor otimização de si com base em ver outros usuários fazendo o mesmo. Em grande parte, esse ímpeto inicia-se na “emoção do momento”. A exemplo da busca por desenvolvimento, temos:

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração (Han, 2017, p. 45)

Do ser humano como “projeto”, emerge a promoção de um ambiente marcado pela positividade e pelo fortalecimento contínuo da identidade, que é característica do regime neoliberal. No entanto, essa ênfase excessiva na positividade resulta na supressão da alteridade, da negatividade e da possibilidade de confronto com ideias contrastantes, diferenças e situações inesperadas. Conforme Han (2018, p. 45):

O curtir sem lacunas produz um espaço da positividade. Por causa de sua negatividade, a experiência enquanto irromper do outro interrompe o autoespelhamento imaginário. A positividade que habita o digital reduz a possibilidade de uma tal experiência. Ela promove o igual. O smartphone, como o digital em geral, enfraquece a capacidade de lidar com o negativo.

Embora as plataformas digitais evoquem o sentimento de liberdade, já que, teoricamente, somos livres para nos expressar de diversas maneiras nesses espaços, esse senso de responsabilidade pelas nossas próprias ações se transforma em um mecanismo coercitivo, ainda mais eficaz na moldagem da subjetividade dos sujeitos

digitais. Isto é, a transparência existente nas mídias sociais transforma as informações ali postas como indicadores de produtividade que agem sob o sujeito digital, oportunizando o constante aprimoramento de si, afinal, tais sujeitos são projetos que estão sob constante exigência de aumento do seu desempenho.

O panóptico digital, com o auxílio do fenômeno da hiper comunicação, revela uma mudança de paradigma em direção à psicopolítica, onde o controle se estende aos processos psicológicos. Os dispositivos digitais que proporcionam a interação entre os seres humanos estão se tornando cada vez menos apenas meios de comunicação. Essas plataformas digitais aperfeiçoam-se a ponto de conhecer seus usuários de maneira particular, com base naquilo que elas podem observar dos movimentos online. A medida em que os sujeitos se veem consumindo apenas o que lhes atrai, fomentando em visões de mundo definidas por algoritmos de recomendação, abala o propósito de uma plataforma digital. Pressupõe-se que o intuito de uma mídia social seja conectar os indivíduos, todavia, observamos o distanciamento desse ideal à medida que o cenário disruptivo de discussões por janelas, onde cada um observa o que lhes convém e não tem acesso à visão do outro, ultrapassa as discussões saudáveis nas plataformas.

Nossas informações e dados permeiam os diversos cantos da internet, dispersos entre os sites que visitamos, os logins que realizamos e os registros em mídias sociais. Esse fenômeno contemporâneo transcende até mesmo as previsões de pensadores como Bentham e Foucault, cujos conceitos de panoptismo e vigilância, embora inovadores em suas épocas, não poderiam anteciper com precisão a facilidade com que o panóptico moderno pode compreender e interferir direta e indiretamente na realidade de seus "observados" com base nas informações que voluntariamente compartilhamos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, analisamos a ideologia do panóptico digital proposta por Byung-Chul Han, perpassando pela concepção do termo até o presente contexto. Podendo assim, perceber as nuances significativas no que tange a busca por maior eficiência que leva o poder a adaptar suas estratégias, passando da “sociedade disciplinar”, focada no corpo, para o neoliberalismo, que direciona sua atenção à *psiquê*. Essa readequação visou otimizar a produção, reconhecendo um limite na geração de lucro pela exploração “clássica”. O neoliberalismo então propõe uma nova abordagem: a autoexploração.

A autoexploração é impulsionada pela psicopolítica, promovendo a competição entre os trabalhadores, a meritocracia e o total comprometimento com o trabalho, exemplificado pelo *workholic*. O neoliberalismo não busca apenas aumentar as horas trabalhadas, mas estimular a dedicação voluntária do ser humano como um “projeto” em busca de metas e constante otimização pessoal. A sociedade resultante não é mais baseada na disciplina, mas no desempenho, onde o controle ocorre por meio de índices, bonificações e interações nas redes sociais, tornando a comparação e concorrência com outros parâmetros fundamentais.

Através do estudo das obras e da análise crítica dos argumentos de Han, ao perceber melhor a estrutura da sociedade em que estão inseridos, os indivíduos conseguiram evidenciar como as noções de vigilância e autoexposição impactam a geração, distribuição, consumo e controle da informação nos espaços digitais. A perspectiva de Han sobre a digitalização e as consequências sociopolíticas e psicológicas desta revolução comunicativa forneceu elementos fundamentais para a pesquisa.

Analisando as reflexões do filósofo, notou-se como o atual arsenal de meios tecnológicos exerce impacto significativo na subjetividade das pessoas, agravando as já existentes dificuldades inerentes ao regime neoliberal. Evidencia-se nas obras de Han a contradição presente nos dispositivos digitais, inicialmente apresentados como ferramentas para fomentar a liberdade de expressão e o desenvolvimento da individualidade e identidade, mas que acabam resultando no aprisionamento e controle dos usuários, exercendo influência sobre suas escolhas e posicionamentos, comprometendo níveis consideráveis de altruísmo.

A vigilância ocorre através da vontade dos próprios indivíduos em expor-se uns aos outros, em observar através de janelas e, da mesma forma, ser observado. Sem a necessidade do vigia benthaniano ou da disciplina de Foucault, a sociedade digital disponibiliza informações privadas de forma livre e sem coação externa, evidenciando uma dinâmica onde a exposição voluntária é a base da vigilância.

Durante o período de elaboração deste trabalho, até sua conclusão, não foi possível encontrar, em métricas, a quantidade de novos usuários de plataformas digitais. Todavia, podemos ter a pretensão de desconfiar que a sociedade, dadas as circunstâncias deste estudo, seguirá experimentando um aumento constante no número de usuários. Esse fenômeno está intrinsecamente relacionado ao contínuo avanço tecnológico, ao ímpeto da autoexposição, à crescente integração da tecnologia na vida cotidiana e às inovações que tornam as plataformas mais acessíveis e atrativas. À medida que os dispositivos digitais se tornam onipresentes devido ao panóptico digital, a conectividade e a participação nas plataformas online tornam-se parte essencial da experiência contemporânea.

É relevante observar que, juntamente com o aumento quantitativo de usuários, surgem também novas nuances nos desafios sociais, éticos e de privacidade associados ao uso intensivo dessas plataformas. O prognóstico do panóptico digital, conforme discutido ao longo das obras de Han, é continuar a moldar a experiência online. Portanto, embora não seja possível quantificar precisamente o número de novos usuários durante este período, é evidente que a trajetória de ascensão das plataformas digitais permanece uma característica marcante do cenário atual, desencadeando questionamentos contínuos sobre as implicações sociais, culturais e éticas desse fenômeno em constante evolução. Tal qual a pergunta norteadora desta pesquisa - "como as obras *No Enxame* e *Psicopolítica* auxiliam na compreensão das relações entre autoexposição virtual e senso de liberdade individual nesta era de predominância da vigília algorítmica?" -, a resposta para ela não é linear e definitiva. No entanto, as reflexões podem começar a partir do panóptico digital elaborado por Byung-Chul Han.

Ao explorar as leituras de Han, surge uma compreensão mais profunda dos aspectos das relações sociopolíticas digitais que, frequentemente, escapam à atenção. Contrariamente à percepção comum de que controlamos e moldamos artefatos de comunicação digital, na realidade, são esses instrumentos que

influenciam e moldam nosso comportamento. Um exemplo claro é observado nas redes sociais, inicialmente promovidas como ferramentas para cultivo da identidade e socialização. Entretanto, o autor sugere que, na prática, elas funcionam como meios de condicionamento dos indivíduos, pois as redes sociais apresentam modelos predefinidos de exposição e interatividade. Assim, o ambiente digital proporcionado por essas plataformas impõe um formato que, de certa forma, homogeneíza a experiência de estar em rede.

Diante desse cenário, a Ciência da Informação encontra nas obras de Byung-Chul Han um vasto terreno para exploração, especialmente considerando a rápida transformação dos cenários sociais promovida por essas novas tecnologias, que são predominantes em nossa sociedade. Torna-se necessário continuar apropriando-se do referencial teórico de Han. O regime de informação apresenta novos fluxos informacionais, onde cada vez mais urge a necessidade de entender como partilhar informações dentro de uma sociedade acometida pela desmediatização, onde as crises da liberdade e representação se fazem presentes.

Por fim, os conceitos e ideias-chave elaborados por Han destacaram-se como fundamentais para entender a dinâmica entre informação digital e os sujeitos. Através desta investigação, foi possível compreender como o controle de informações e a exposição voluntária, centrais ao conceito de panóptico digital, estão moldando práticas e percepções informacionais. A falta de mais estudos e pesquisas sobre o assunto afasta o pensamento das práticas informacionais numa perspectiva filosófica, como sendo, também, material de estudo para a Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico ou a casa de inspeção**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- HAN, Byung-Chul. **Entrevista ao filósofo coreano-alemão Byung-Chul Han**. Red Filosofia. Disponível em: <https://redfilosofia.es/blog/2014/03/23/entrevista-al-filosofico-coreano-aleman-byung-chul-han/>. Acesso em: 13 dez. 2023
- HAN, Byung-Chul. **No Exame: Perspectivas do Digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O Neoliberalismo e Novas Técnicas de Poder**. 7. ed. Belo Horizonte: Ayné, 2017.
- HIDDEN ARCHITECTUREH. **Panopticism: Presidio Modelo**. 2016. Hidden Architectureh. Disponível em: <http://hiddenarchitecture.net/panopticism-presidio-modelo/>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica**. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1990.
- O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição de massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça à democracia**. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.
- SINDIQUE, C. J. Diálogos entre Michel Foucault e Byung-Chul Han: Do Panóptismo a Psicopolítica enquanto dispositivos de vigilância nas Cidades Contemporâneas. **Revista Opinião Filosófica**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2021. DOI: 10.36592/opiniaofilosofica.v12.1039. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1039>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: Public Affairs, 2019.
- WE ARE SOCIAL & MELTWATER. **Digital July 2023 Global Statshot**. Data Reportal. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-july-global-statshot>. Acesso em: 6 nov. 2023.